

## Para sempre Rosa...: esboço de um depoimento<sup>1</sup>

Américo Venâncio Lopes Machado Filho  
Universidade Federal da Bahia

Quando recebi a mensagem de Dermeval para participar deste evento, a primeira sensação que me veio à mente, sinceramente, foi aquela que é recoberta pela tão cara unidade lexical do português, a que chamamos saudade.

A saudade que Alfredo Antunes (2016), marido de nossa querida colega Irandé Antunes, tão bem trabalhou como tema em um de seus livros, dizendo não ser essa “uma palavra redutível a cânones científicos”, mas uma palavra que devesse ser respeitada “no seu mundo de misteriosa vivência coletiva” (2016: 48). Ou seja, a saudade não é egótica, precisa de dois ou mais de boa vontade ou ao menos da memória de um deles para que se justifique em sua verdade.

Professora Rosa foi-se, mas a saudade é viva em tantos que com ela estiveram. É viva nos flashes de diferentes cenas, é viva sob o rótulo de memórias, dos momentos compartilhados, da conservação de sua obra, da confirmação histórica de seu nome.

A ideia de generosidade é, a meu ver, aquela que se interpõe à noção de coletividade e era assim, com essa característica principal, que eu via professora Rosa Virgínia, na “sua mais completa tradução”, com a devida licença a Sampa e a Caetano Veloso, obviamente.

Disse eu, em um livrinho biográfico que escrevi em sua homenagem em 2009, que ela detinha o sentido de poder. “Poder de construir legados e de reanimar pensamentos” (Machado Filho, 2009: 9). Sim, reanimar pensamentos! Até 1996, não a conhecia, pelo que assumo minha total ignorância de época, nem tinha tido, pasmem, a oportunidade de conhecer seus trabalhos. O que é bem pior. Um dos grandes absurdos de algumas grades curriculares dos cursos de Letras, Brasil afora, em que se pratica a exclusão de disciplinas

---

<sup>1</sup> Roteiro textual das primeiras palavras apresentadas durante a participação na homenagem promovida pelo professor Dermeval da Hora a Rosa Virgínia Mattos e Silva, em seu programa no canal do YouTube, denominado Conversas da Hora. 15/10/21, às 16 horas, no seguinte endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=Ru8G6CsfntI>.

de história da língua em seus currículos. Mas retornado de Portugal, no final de 1996, onde residia, fui estimulado por uma grande amiga e ex-professora de literatura brasileira, Lizir Arcanjo Alves, a perseguir o que ela chamou de meu desígnio intelectual, isto é, o cumprimento não platônico de minha paixão pela Linguística, que ela conhecia, não sem algum ciúme, desde a graduação. E tinha eu de estudar com Rosa Virgínia Mattos e Silva. Isso foi por ela determinado e, para mim, para minha vida e para meu trabalho, foi determinante. Solicitei matrícula como aluno especial na Pós-graduação, na cabalística disciplina LET 666, o número da besta, denominada *A língua portuguesa das origens ao período arcaico*. Isso no semestre letivo de 1997.1. Quase um quarto de século, portanto.

Ela sempre começava a disciplina pelo *Testamento de Afonso II*, de 1214. Digo que “sempre começava” porque desde aquele semestre frequentei como ouvinte todas as outras vezes em que a disciplina foi por ela ministrada, até seu desligamento da Pós, mesmo quando eu já era professor da UFBA. Não deve haver algo mais significativo para um professor saber que sempre pode contribuir para a formação de seus alunos mesmo sobre temas já trabalhados ou conhecidos. Aproveito, então, a data de hoje para cumprimentar todos os colegas pelo Dia do Professor. Gosto muito do disse uma vez Sharon McAuliffe, professora que morreu no voo da Challenger em 1986: “Eu toco o futuro. Eu ensino”, ou mesmo da célebre frase de Rubem Alves (2000), que hoje recebi, coincidentemente, em um e-mail de uma querida ex-orientada, Isamar Neiva: “Ensinar é um exercício de imortalidade”.

Então, de volta ao passado, quando vi, pela primeira vez, o português escrito em pergaminho, grafado ali no longínquo século XIII, desenvolvi uma curiosidade ingente sobre língua e tempo, estado e mudança. Verdadeira paixão. Jamais quis outra coisa. Isso me faz lembrar de meu concurso para então professor assistente de língua portuguesa, do qual professora Dinah Callou participou como membro da banca. Durante a arguição de meu memorial, perguntou-me ela se não demonstrava eu um certo radicalismo em relação a uma preferência temática pelo português arcaico, extremamente recorrente nos meus trabalhos, alertando-me, ao fim, que paixões se acabam. Disse-lhe, naquele momento, que era apaixonado por minha mulher havia muito tempo. Continuamos casados após 33 anos de paixão.

Falo do português arcaico porque, embora transitasse professora Rosa Virgínia por diferentes temas da linguística de língua portuguesa, como por questões relacionadas ao ensino ou à formação do português brasileiro, sei, como amigo pessoal que fui e sou na memória, que comungávamos a mesma paixão. Era o português arcaico seu foco de trabalho mais prazeroso e tema constante de nossas conversas diárias nas viagens de carro até sua residência. Eu costumava levá-la todos os dias em casa, embora não fosse roteiro minimamente lógico para meu destino. Sim, discutíamos linguística histórica no trânsito de Salvador. Como se não bastasse, telefonava-me quase diariamente ao final da tarde ou mesmo aos finais de semana para arrematar alguma questão ou para saber se realmente teria dito o que disse sobre algum assunto de Letras ou sobre ela própria. – Você disse que estou velha? Generosidade, amizade, devoção, sentido de poder.

Em 2010, na condição de chefe do Departamento de Letras Vernáculas tive a oportunidade de redigir e de apresentar, juntamente com outros subscritores, a solicitação de concessão do título de professor emérito da UFBA para professora Rosa Virgínia. Aliás já estou vezeiro nisso. Fiz os das queridas professoras Suzana Alice Cardoso e de Jacyra Andrade Mota. Nesse documento, dizia que o trabalho dela era de natureza diametral, para que e de onde fluíam e refluíam atenções e interesses acadêmico-científicos pelo estudo da língua portuguesa, haja vista serem muitos dos títulos, por si publicados, referência bibliográfica essencial nessa área do conhecimento humano.

Dizia também que sua fibra, iniciativa e personalidade, características próprias a grandes líderes, permitiram a consolidação de diversas frentes de estudo, inicialmente trazidas para a Ufba pelo professor Nelson Rossi, seu mestre, e que também tinham possibilitado o crescimento do *Programa para a História da Língua Portuguesa (PROHPOR)*, grupo de pesquisa de âmbito interinstitucional, sediado na Ufba, que fundou, em 1990, e que, com verve intelectual centrípeta, estimulava, àquela época, o diálogo e o respeito entre seus membros e a abordagem de diferentes correntes teóricas em torno de um objetivo fundamental, que fosse o entendimento do processo de constituição do português na história, através do trabalho de formação e especialização de estudantes de iniciação científica, de mestrado e doutorado.

Eu sou um dos resultados disso e tenho, como disse desde o início, muita saudade dela.

Antes da pandemia sempre ia ao cemitério onde está sepultada, e espero voltar a ir, assim que as condições sanitárias se modifiquem. Obviamente como não há coincidências em nada, o cemitério se chama, como caberia a uma Rosa, Jardim da Saudade.

Que nos reverberem os versos de Gertrude Stein (1922), em *Sacred Emily*: “*A rose is a rose is a rose is a rose*”.

#### Referências

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. 6.ed. Campinas: Papirus, 2000.

ANTUNES, Alfredo. **A saudade**: alma da alma portuguesa. Camaragibe: CCS, 2016.

MACHADO FILHO, Américo. **Fragmentos biográficos**: Rosa Virgínia Mattos e Silva. Salvador: Quarteto, 2009.

STEIN, Gertrude. **Geography and plays**. New York: Dover Publications, 1922.